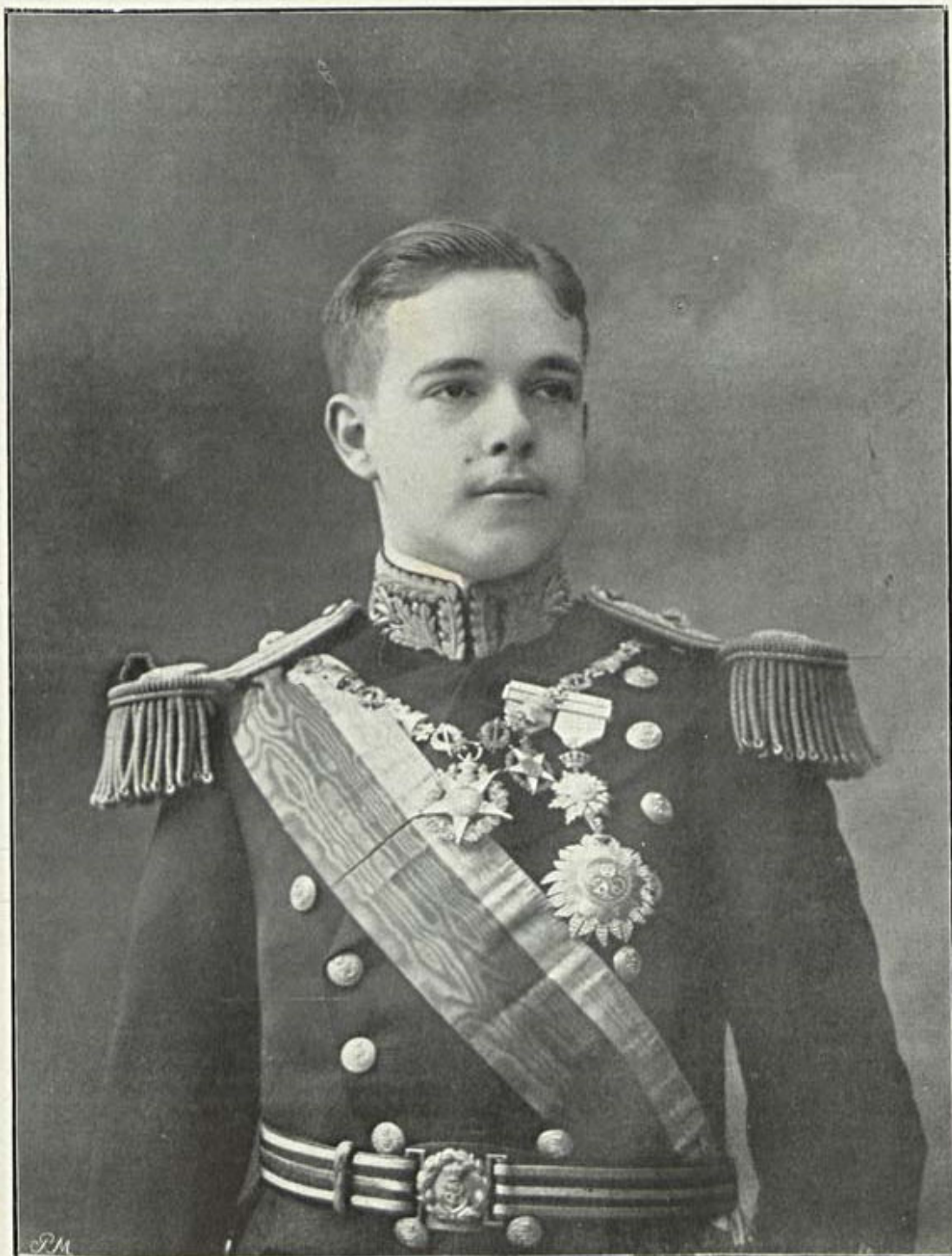


# BRASIL-PORTUGAL

1 DE MAIO DE 1908

N.º 223

DIRECTOR — Augusto de Castilho.  
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento,  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.



Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Manuel II, fardado de almirante

# Portuguezes no Brasil

## Onde está o patriotismo?

**N**ão occultamos a magua que nos causa a leitura de noticias em que são ferteis alguns jornaes portuguezes sobre a attitude e a situação dos nossos compatriotas no Brasil que esses jornaes tem frequentes vezes o mau gosto de aggreir e injuriar.

Excessivos em tudo, como bons meridionaes que nos prezamos de ser, é a incontinencia da linguagem um dos nossos maiores defeitos. E quando entramos n'esse pleno regimen, quando singramos por esse mar arriscado, abrimos a vela a todos os ventos, e aventureiros sempre, não nos arreecemos do perigo, e até não raro parece que caprichamos em atirar de encontro aos mais duros rochedos a nossa fragil embarcação. E' o que está acontecendo com as apreciações e as criticas que uma parte da nossa imprensa se compraz em fazer a respeito de manifestações e attitudes politicas attribuidas aos portuguezes que vivem no Rio de Janeiro.

E' que para os jornaes que tão mal os tratam, naturalmente esses portuguezes não são filhos de Portugal! E, se o são, não tem direito de ter opiniões politicas, nem de apreciar os homens publicos do seu paiz, nem de fazer recahir as suas considerações sobre a melhor ou peor forma de se administrarem os negocios do Estado!

Este falso e tristissimo criterio não é infelizmente exclusivo de um ou de outro cujos pontos de vista estejam em completo desacordo com os d'aquelles aos quaes apreciam ou criticam. Não é um raciocinio isolado, é o criterio geral dos que militam em campos opostos, dos que tem a faculdade de manejar uma penna, e, no campo da censura, erroneamente se julgam no direito de ir até aos extremos.

Pensam mal, em boa fé lh'o dizemos. Esses portuguezes, que escolheram para sua patria adoptiva o territorio brasileiro, são tão portuguezes como nós, e, a centuplicar as suas qualidades cívicas tão intensas como as nossas, tem a mais do que nós, a nostalgia, a saudade da patria. Dia a dia, hora a hora, elles contribuem, pela sua labuta incessante, pelo exito do seu trabalho, pelos resultados honradamente adquiridos, do seu esforço por vezes sobrehumano, para o aperfeiçoamento, para o progresso da terra distante, para o aforroamento e prosperidade do torrão estremecido, da formosa villa ou cidade, da poetica aldeia, em que viram pela primeira vez a luz do dia, em que foram embalados, no seu berço quasi sempre humilde, por uma mãe carinhosa, em que vivem ainda os entes que lhes são mais caros, e d'onde os afastou — talvez para todo o sempre — o egoismo, o desamor, o trato inclemente de uma patria madrastra!

Podiam muitos d'elles ter gritos de revolta e de protesto contra uma sociedade assim constituida, tão mal que para encontrarem os meios de subsistencia tem de ir procurar trabalho ao outro lado do Atlantico, e, apesar d'isso, e bem ao contrario d'isso, não chora, cá longe, a patria uma lagrima de dôr que lhes não rasgue a elles o coração, que lh'o não comprima fortemente n'uma esperança de libertação e de desafogo, n'uma anciedade de melhores dias!

Pois não nos temos nós encontrado com elles em todas as calamidades nacionaes, quer sejam d'aquellas em que nos vemos forçados a armar os nossos soldados para a defeza do territorio, quer sejam d'aquellas que provém de uma catastrophe, ou de um cataclismo da natureza? Não se tem a sua bolsa, a do opulento, como a do remediado, aberto bizarramente para acudir aos appellos que lhe temos feito em momentos graves e afflictivos! Emprezas-serias e honestas, umas tendo por timbre o trabalho e outras o estreitamento de relações entre o paiz d'onde elles partiram e aquelle em que vivem, não tem porventura encontrado o estimulo, o apoio, a coadjuvação,

sem a qual decerto teriam de sossobrar, n'esses compatriotas afastados de nós pelo oceano, mas proximos, pelo coração e pelo affecto, do nosso coração, do nosso espirito, do nosso trabalho!

E se esta solidariedade na estima os torna tão irmãos de nós todos, como pode alguém contestar-lhes a solidariedade politica que lhes dá o direito de exercerem livremente a sua attenção e o seu exame, a sua critica, a sua censura e o seu louvor, sobre o regimen estabelecido, sobre aquelles que governam, e sobre os acontecimentos politicos que se produzem?

Felizmente não é um jornal politico no sentido comesinho da palavra, não é uma publicação partidarista ou facciosa o *Brasil-Portugal*. A sua politica é mais larga, é mais vasta, é a politica nacional, aquella que só visa os interesses e a prosperidade da nação. Maior, mais alto é portanto o direito que lhe advem d'esta attitude neutra, e o leva a fixar n'esta columna, como principios assentes, as palavras que ahí ficam.

Não, não tem ninguém o direito de increpar os nossos compatriotas do Rio de Janeiro, ou de qualquer outro ponto do Brasil, porque exprimem accentuadas opiniões sobre a politica, sobre as instituições, sobre os homens d'Estado, sobre a governação publica de Portugal.

Para elles, que tem um absoluto desprezo pelos formularios constitucionaes e politicos, passava quasi despercebido o que nos actos do sr. João Franco mais irritava os politicos portuguezes. Para elles a vontade e a energia são as qualidades raras e supremas de um estadista, e como essas as tinha em larga escala esse estadista hoje deposto e expatriado, que admira o terem por elle essa admiração que a distancia ainda avoluma e engrandece!

Para elles a honestidade, a independencia pessoal e o escrupulo na administração financeira são consideradas virtudes maximas, e para elles symbolisava essas virtudes o sr. João Franco.

Não é pois de estranhar que aos defeitos do estadista que admiravam sobrepozessem as qualidades, e indifferentes aos processos que elle empregava para se desfazer de adversarios, reconhecessem, esperançados e confiados, que era elle o timoneiro providencial que havia de levar a porto de salvamento a barca do Estado.

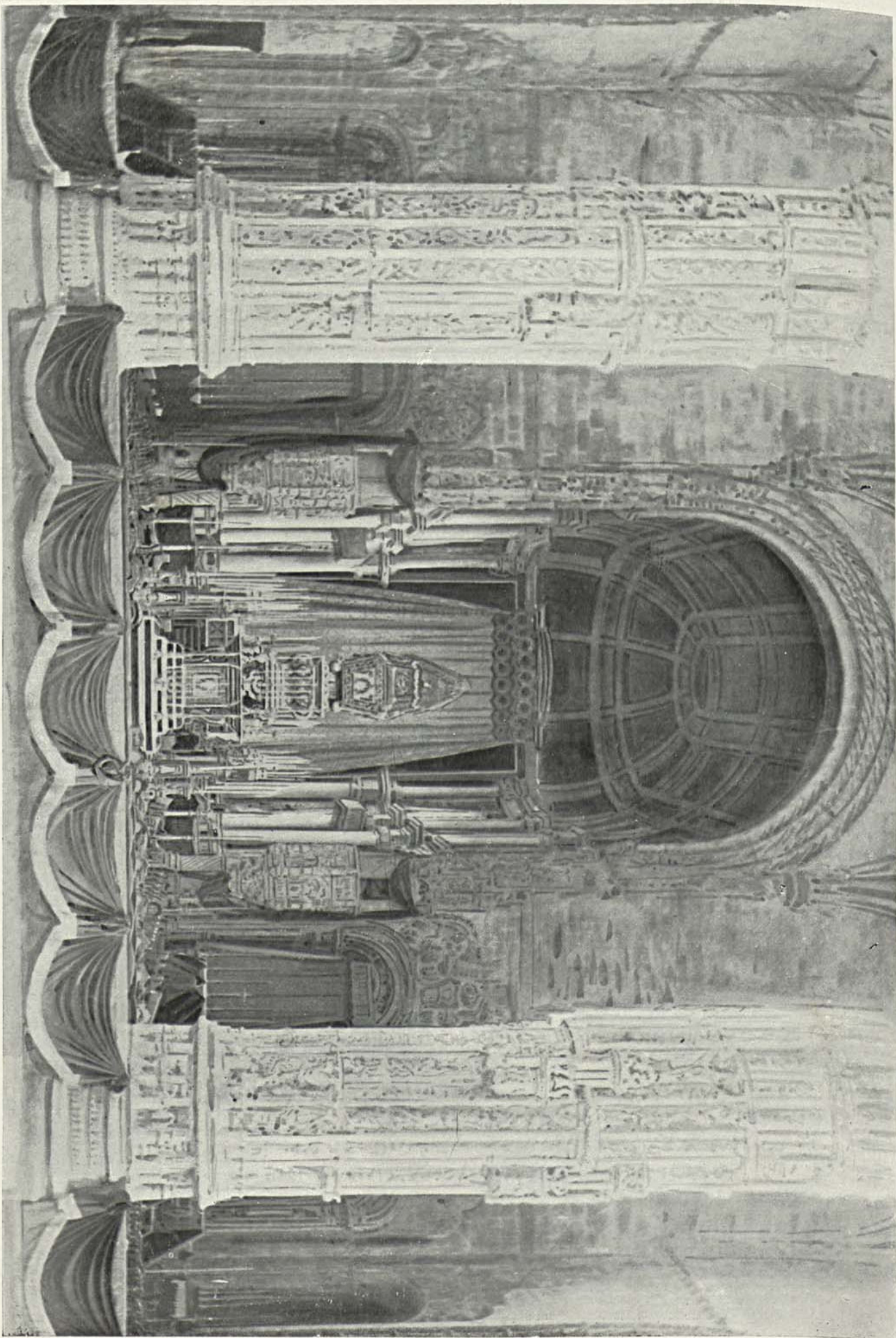
E porque assim o acreditavam, e o acreditam ainda, d'aqui a sinceridade das suas manifestações, e o vigor, que não estavamos habilitados a ver até aqui, com que tem sustentado e defendido opiniões firmes, inabalaveis.

Isto com relação ao ministro deposto, que, pelo que toca ao chefe do Estado, não é elle, sempre, para os portuguezes ausentes o symbolo supremo da patria? D. Carlos I ou D. Manuel II não representam elles, mais do que o throno e as instituições oito vezes seculares, a sagrada terra portugueza que os seus maiores engrandeceram e alargaram a todos os confins do mundo? Não estavam elles, portuguezes do Brasil, reconhecidos, até á gratidão e ao entusiasmo, ao soberano e ao seu primeiro ministro, porque deviam a ambos a promessa, que em breve ia ser realidade, de verem honrada com a regia visita a terra brasileira, aquella que depois da sua, amam acima de todas?

Manifestando-se, como temos visto, exercem um direito? sem duvida. Exactamente como o exercem os que sustentam o contrario, e tanto aquelle é mais digno de respeito quanto está sendo rara a coragem de se dizer o que se pensa e o que se sente. O que não é direito nem justo é desacatar aquelles que não pensam como nós, é aggreir os que tem opiniões diversas das nossas e pontos de vista que nos desagradam ou incommodam.



*Exequias nos Jeronymos pelas almas de El-Rei D. Carlos e do Principe Real D. Luiz Filippe*



O Catafalco

## Exequias nos Jeronymos pelas almas de El-Rei D. Carlos e do Príncipe Real D. Luiz Filipe

**R**evestiram o maior brilho e solemnidade as exequias celebradas nos Jeronymos, em 25 do mez passado, pelas almas do infeliz Rei D. Carlos e de seu desditoso filho o Príncipe Real D. Luiz Filipe.

Dessa imponente cerimonia dá hoje o *Brasil-Portugal* varios aspectos e aqui transcrevemos tambem alguns periodos da oração fúnebre pronunciada pelo eminente orador reverendo conego Ayres Pacheco, oração na qual são postas em destaque as brilhantes qualidades do fallecido monarcha e que tão funda impressão causou em todos os ouvintes e tão discutida tem sido pelos politicos.



Exequias nos Jeronymos por alma de El-Rei D. Carlos e do Príncipe Real D. Luiz Filipe  
Os alumnos da Escola Naval a caminho dos Jeronymos

checo, oração na qual são postas em destaque as brilhantes qualidades do fallecido monarcha e que tão funda impressão causou em todos os ouvintes e tão discutida tem sido pelos politicos.

O orador começou por citar estas palavras do *Ecclesiastico*:

«Não digas mal do rei, ainda no teu pensamento.»

A seguir, alludindo ao *Te-Deum* celebrado ainda ha pouco tempo para solemnizar o triumpho das armas portuguezas no sul de Angola, exclama:

Este templo augusto, monumento historico que preconiza a crença e a gloria de cujas pedras resumbra a vida magestosa de uma nacionalidade, recebe hoje em seu seio todo este luto, a dor de uma nação, a consternação de um povo, que vê maculada a sua historia e decahida a sua patria. Hontem, ainda hontem, a gloria das armas recebia aqui um preito fervoroso da nação; o rei, personificação da patria, realçava com a sua presença essa glorificação imponente, hymnos sacros de triumpho resoavam festivamente no amplo seio d'este sanctuario e, d'aquí d'esta tribuna, a palavra insigne de um grande bispo enaltecia e cobria de benções a gloria marcial das armas portuguezas. Hoje, esse rei é morto, é uma saudade e é uma tradição; e além, n'aquelle logar, onde elle assistia a essa grande festa da patria, ao lado de sua gentil esposa, senta-se agora, com a alma vertendo prantos, quem nunca sonhou cingir uma corôa e quem nunca pensou vêr a sua radiosa juventude tão dolorosamente entrojada de crepes...

O reverendo conego Ayres Pacheco afirma depois «que a sua bandeira é de paz, de clemencia e de amor, que a tribuna d'onde está falando se encontra acima de todas as individualidades e de todas as politicas e que, por isso, não accieita alli solidariedade alguma com as opiniões que dividem os homens e constituem os partidos. Não sobe ao pulpito para arvorar duas mortalhas como estandartes bellicos. São dois sudarios constellados pelo sangue do martyrio e que profanaria se os transformasse em symbolos de guerra. Desejaria até transfigurar-se em labarôs de paz e á sua sombra agrupar n'um fraternal abraço todos os portuguezes que se degladiam na arena sangrenta de interesses egoistas.

Vae apresentar perante a verdade e a justiça o finado rei de Portugal e convida a consciencia dos ouvintes a julgar depois o fallecido monarcha.

Rei durante 19 annos, elle viu alternarem-se successivamente ao redor de si as sympathias mais carinhosas e as

aversões mais radicaes, os louvores mais intensos e as censuras mais acres, os applausos mais ruidosos e as vaias mais ignobeis; mas hoje a sua memoria encontra sem dissonancias na alma genuinamente portugueza uma saudade que o enaltece e na consciencia publica uma sentença que o não condemna. Na falsidade d'uns, na ignorancia d'outros e ainda no exagero de muitos se originaram accusações politicas e pessoas vibradas contra elle e lançadas criminosamente na respiração social. Mas eu creio que hoje na consciencia dos seus inimigos ha alguma coisa que lhes faz vêr a memoria do rei mais desanuçada, mais limpido o seu nome, mais estreitas e apoucadas as suas responsabilidades...

Continuando, o orador afirma que «nem a civilização surge, de repente, no seio de uma nacionalidade, nem a decadencia de uma raça ou de um paiz se manifesta, de improviso, rapidamente promovida pelos homens de uma época. Uma e outra dependem de muitos factores e de circumstancias as mais diversas. O mal da patria portugueza, exclama o sr. Ayres Pacheco, vem de longe. D. Carlos I, ao ser investido na magistratura suprema, recebeu com a corôa a triste herança de uma patria já decahida, illaqueada por enormes encargos, sem administrações vigilantes e quasi desprovida de homens de estado. Logo no inicio do seu reinado se denunciou o estado da patria. O ultimatum de Inglaterra, a revolta de 31 de janeiro, a crise financeira, os successivos e peizados augmentos de impostos que d'ella derivaram — afirma o orador — são paginas funebres, escriptas umas com sangue e outras com lagrimas, mas todas ellas sem culpa do rei. Todo o primeiro periodo do seu reinado foi lugubre, recingido de vulções aterradores, prenuncios de mais violentas tempestades. Dir-se-hia que no horizonte da patria se apagava para sempre o sol da felicidade.

Não foi, porém, assim, continua o orador. Com o restabelecimento da alliança ingleza surge a segunda phase do ultimo reinado, periodo promettedor e pelo menos aparentemente prospero. As campanhas de Africa, fulgurantes de gloria, e a visita de diferentes chefes de Estado estrangeiros exaltam este periodo, nobilitam a patria e collocam o rei em sympathica evidencia. Afigura-se um trecho da nossa gloria antiga embutido nas paginas da nossa historia moderna. Na chronica do reinado de D. Carlos I ficam escriptas em letras refulgentes essas visitas de sympathia e amizade que levantavam a nação e ennobreciam o rei. Mas negro, como noite de procella, é o derradeiro capitulo da historia do soberano assassinado. Se ella abriu tempestuosa e triste, mais acabrunhador e agitado foi o seu desfecho. Se a primeira pagina é negra e de luto para a nação, mais tenebrosa e infeliz é a ultima, mas talvez seja esta a mais conscienciosa e elevada da sua vida monarchica.

El-Rei D. Carlos, continúa o sr. Ayres Pacheco, provinha de uma escola politica radicada de mais no doutrinarismo exaggerado da acção ministerial, e entregara quasi em absoluto a governação publica á politica que, senhoreando-se dos destinos da patria, não logrou cobrir-se de gloria. Teve alguns reflexos de grandeza, mas sem luz bastante para formar uma aureola. D'ahi o accentuar-se cada vez mais a nossa decadencia e com ella o descredito da politica, que fatalmente ia incidir na pessoa do rei. D'esse descredito nasceu uma reacção, de que resultou a directa interferencia real nos negocios do Estado. Pessoas de intenso brilho e de innegavel valor advogaram calorosamente essa interferencia, traçando o doloroso quadro da politica portugueza para justificar o possivel gesto do rei, que veio a dar-se.

Hesitou o monarcha — acrescenta o orador — durante longo tempo, medindo o alcance da tentativa e das responsabilidades inherentes, mas um dia, como que acordando, voltou um olhar retrospectivo e meditativo para as decadencias nacionaes e julgou dever intervir, chamando um homem que se identificasse com a sua pessoa e o seu plano, julgando que tres coisas bastariam: honestidade, firmeza e energia. Enganou-se.

Se isso fosse apenas o bastante, talvez que o rei houvesse encon-



Exequias nos Jeronymos por alma de El-Rei D. Carlos e do Príncipe Real D. Luiz Filipe  
Os alumnos da Escola do Exercito dirigindo-se para os Jeronymos

(Clichs de Benoliel)



Exequias nos Jeronimos pelas almas de El-Rei D. Carlos e do Principe Real D. Luiz Filipe  
A carruagem conduzindo El-Rei e sua Augusta Mãe

trado o instrumento necessario á realisacão do seu plano. E o orador, alludindo evidentemente ao sr. João Franco, embora sem lhe citar o nome, declara-se seu adversario, comquanto, em nome da independencia da sua tribuna e da propria hombridade, renda justica ás suas intencões e reconheça as suas qualidades pessoais. Depois diz como o rei viu o seu plano perdendo terreno em vez de avançar. A barca da governação publica, em vez de avançar por esteira segura, navegava já quasi ao acaso, ao sabor das vagas procellosas de uma tempestade medonha. O rei decerto reconheceu então que a sua evolução governativa era onerosa de mais para as forças da tripulação e que em conjunctura tão arriscada, ou tinha fatalmente de ceder ou de ir ávante, até onde a sorte o levasse. Elle, energico, valente, adverso a todos os actos de pusilanimidade decidiu ir e foi. A historia julgara um dia o seu passo.

Traçando depois o perfil de El-Rei D. Carlos, enumerando os seus dotes de coração, a sua intelligencia, os seus conhecimentos, o orador continua:

O senhor D. Carlos teria sido um dos reis mais insignes se a politica não lhe tivesse tollido as suas grandes qualidades. Mas a politica, em vez de lh'as desenvolver e de lh'as animar, no verdadeiro interesse da patria, só fez por lh'as estiolar e perder. Essa politica sábia e nobre, que não sabe mentir ao rei, que não sabe adular-o, que nunca se esconde atraz d'elle e que o tem, não como alvo de recriminações, mas como um symbolo de fé, onde a vimos já, onde está ella? O rei tornou-se o homem mais discutido — disseram — mas quem o discutia? O clero? não; a industria? não; o commercio? não. Quem, pois, o discutia? a politica, lisonjeando a corôa quando no poder, recriminando-a fóra do poder; exaltando-a até aos pinca-ros no poder, rebaixando-a até ao pó, fóra do poder; genuflectindo deante d'ella no poder, voltando-lhe as costas fóra do poder.

A ultima pagina da vida de D. Carlos I, rubricada com o sangue



Exequias nos Jeronimos por alma de El-Rei D. Carlos e do Principe Real D. Luiz Filipe  
(Cliché de Benoit).

O ministerio

do seu martyrio e com um sangue, mais precioso ainda — o sangue innocente de seu filho — é, com effeito, um testemunho eloquente do seu arrojo, mas é tambem uma pagina que a politica portugueza nunca poderá ler sem lagrimas na consciencia. Tristissima pagina! Sinto arrepios na alma ao ter que me defrontar com ella!

Seguidamente, tratando da tragedia do Terreiro do Paço, faz o elogio da familia real, enaltecendo, em sobrias palavras, as virtudes das rainhas, evoca a memoria do finado principe n'um repto de eloquencia admiravel, que arranca lagrimas em grande numero de pessoas, diz como a Luiz de Bragança de nada lhe valeu o heroismo materno, a sua innocencia de quaesquer responsabilidades, a formosura dos seus annos, a promessa das suas qualidades e roga-lhe, chamando por elle, generosa alma liberalmente aberta ás influencias do bem, que implore da misericordia divina clemencia para os que o precipitaram no tumulto.

Alludindo á manifestação do cemiterio oriental, accentua que, em sua opinião, ella não se identifica de modo algum com o sentimento do paiz que, por ella não é maculado, como não constituiu affronta para o povo de Roma o ser passeado, entre grinaldas de flores, nas ruas da cidade eterna, o punhal que assassinou Rossi. A patria encontra-se superior ao tumultuar das paixões.

Terminando, o sr. Ayres Pacheco exclama:

Mas que perturbação é a minha? Parece-me vêr surgir do seio escurecido d'aquelle funebre catafalco a sombra impavida do rei assassinado. Não tremas homens da politica, nada recies; não vem pedir-vos, em nome de Deus, contas estricatas dos seus infortunios e dos infortunios da patria; vem sereno, magestoso, mas supplicante. Vem pedir-vos que vos agrupeis, com lealdade e amor patriótico, em volta d'aquella creança. Dois filhos do seu amor, a um encontrou-o logo no limiar da eternidade e abraçou-o; ao outro, procurou-o e não o encontrou, julgou vê-lo entre as flores do céu, mas olhou para a terra e viu-o entre os espinhos do soffrimento e disse: Vou á minha patria, vou bater á porta da consciencia dos homens publicos do meu



Exequias nos Jeronimos pelas almas de El-Rei D. Carlos e do Principe Real D. Luiz Filipe  
(Cliché de A.C. Lima). Aguardando Suas Magestades

paiz e vou pedir-lhes enternecidamente que façam de meu filho um rei afortunado e da patria, se possivel fór, a rainha do mundo.

Depois d'estas palavras que commoveram até ás lagrimas muitas das pessoas que assistiam á funebre solemnidade, o orador terminou invocando, n'um rasgo de eloquencia, a protecção de Deus para a Patria e para o Rei a quem animou a trabalhar pela gloria da nação de que é o primeiro magistrado.

## PORTUGAL

Vasto sendal de crepe funerario,  
Todo em flocos esgarços, fluctuando,  
Envolve a Lusitania, soluçando.  
Ferida do punhal do vil sicario!

Pranteia uma nação, geme a Rainha  
Em face d'esse quadro doloroso!...  
O crime o mais nefando e pavoroso  
Sangrou o coração da patria minha!

Nos seculos que hão-de vir e gerações,  
Jámais hão-de sentir os corações  
Tão grande sentimento e tanto horror!...

Portugal abraçado ao povo inteiro.  
Deixa o pranto correr... Nobre guerreiro,  
Tu só foste vencido pela Dôr!...

Bahia, fevereiro, 27 — 1908.

Luiz Americo.



Exequias nos Jeronymos por alma de El-Rei D. Carlos e do Principe Real D. Luiz Filipe  
El-Rei sahindo dos Jeronymos  
(Clichê de A. C. Lima).

## Politica internacional

Na passada quinzena foi a Inglaterra quem occupou o primeiro plano na politica internacional, primeiramente com a sua crise ministerial, occasionada pela exoneração de Sir Henry Campbell-Bannerman do cargo de primeiro ministro por motivo da grave doença, que o acommetteu, e depois pela apresentação da proposta de Sir Edward Grey para a solução da questão macedonica. Qualquer d'estes dois factos é importante no mais subido grau, pois qualquer d'elles pelas consequencias que pode ter, está talvez destinado a produzir mais de uma surpresa na politica da Europa. Vamos a proposito de cada um dizer o bastante, para que o leitor por si mesmo possa aquilatar-lhe o valor.

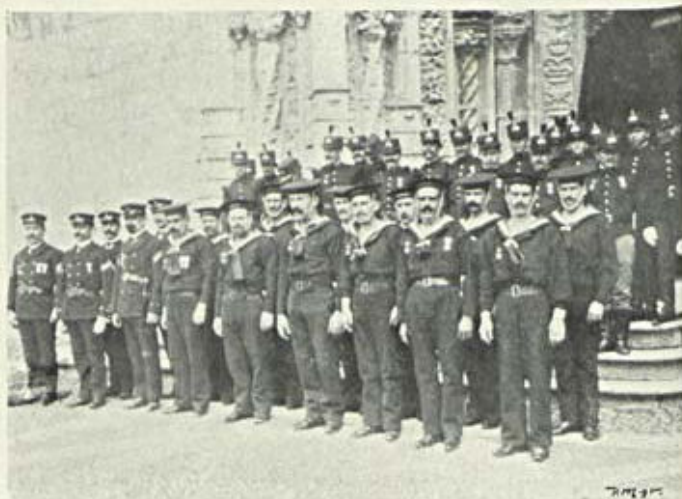
Ha annos que no Reino Unido são quasi regulares estas crises internas de gabinete, originadas pela subita demissão do chefe do governo. Foi primeiramente Gladstone demittindo-se voluntariamente e entregando a presidencia do governo a Lord Rosebery. Foi depois Lord Salisbury retirando-se da politica e entregando a direcção do ministerio, a que presidia, ao sr. Arthur Balfour. E' agora Sir Henry Campbell-Bannerman sahindo tambem do gabinete liberal e fazendo-se substituir pelo sr. Asquith. E, como se vê, esta singular coincidência dá-se com ambos os partidos.

Se é, porém, licito argumentar do que se passou para o que vae acontecer, diremos que não são favoraveis para o partido liberal os prognosticos, a que dá lugar a presente crise. A retirada de Gladstone e de Lord Salisbury foi respectivamente o signal da queda das duas administrações a que elles presidiam, porque a pouco trecho os



Exequias nos Jeronymos pelas almas de El-Rei D. Carlos e do Principe Real D. Luiz Filipe  
Depois das exequias. — A caminho do palacio

successores d'estes dois vultos politicos, assoberbados por difficuldades cada vez maiores, tiveram por seu turno que sahir do poder. Que se passará agora? Não ha duvida que o sr. Asquith é um ho-



Exequias nos Jeronymos por alma de El-Rei D. Carlos e do Principe Real D. Luiz Filipe  
Os contingentes da armada e do exercito sahindo do templo  
(Clichê de Benolli).



Exequias nos Jeronymos por alma de El-Rei D. Carlos e do Principe Real D. Luiz Filipe  
(Clichê de Benolli). — A deputação dos hombreros

mem de grande valor, muito superior mesmo como politico a Sir Henry. Sob este ponto de vista a situação do partido liberal na presente conjuntura é superior áquella em que o mesmo partido se encontrou pela sahida de Gladstone, visto que Lord Rosebery não tinha hombros para supportar a herança do Great Old Man. Tambem o sr. Balfour, não obstante os seus reaes merecimentos, não tinha a estatura diplomatica e parlamentar de Lord Salisbury, o ultimo pôde dizer-se dos grandes primeiros-ministros da Inglaterra.

Por este lado a presente solução ministerial representa para o governo uma decidida vantagem, porque o novo presidente do conselho vale mais que o seu antigo chefe. Mas... o estado da opinião publica e sobretudo as condições de equilibrio parlamentar é que são mais precarios, annullando em grande parte as vantagens, que para o governo reconstituído derivam do valor pessoal do sr. Asquith. Senão vejamos.

Não ha duvida que as esperanças, alimentadas pela subida ao poder de Sir Henry Campbell-Bannerman, se converteram ha algum tempo a esta parte em amarga desillusão. Nem uma unica das importantes medidas que o partido liberal tinha inscripto no seu programma ponde ter até hoje um começo sequer de realisação. O que mais feriu sobretudo a opinião publica foi o fracasso do bill sobre a educação, e o nenhum effeito das ameaças proferidas pelo primeiro ministro contra a camara dos lords. Por este motivo e ainda por diversas outras razões, que no entanto todas ellas se filiam na impotencia do ministerio, parece certo que o corpo eleitoral, que tão estrondosa victoria assegurou a Sir Henry na sua primeira apre-

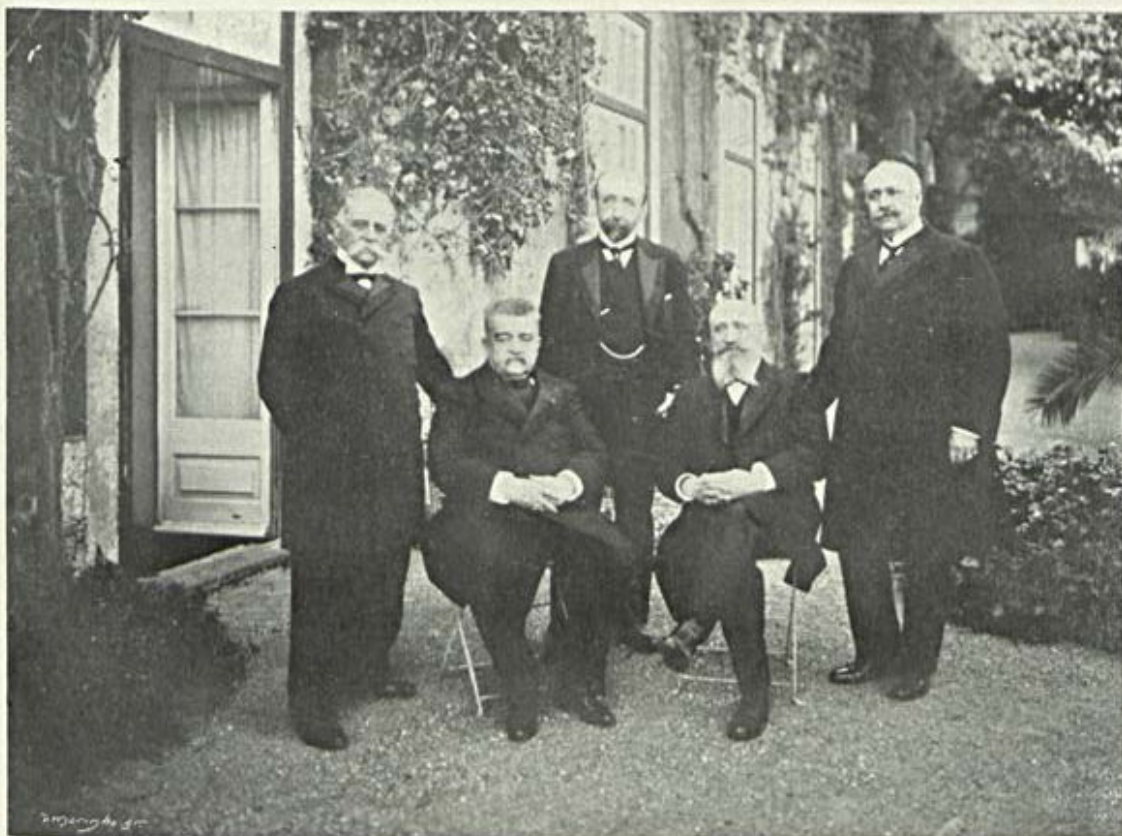
sentação ao suffragio, principia a retirar o apoio aos liberaes. Pelo menos assim o indica o resultado de algumas das eleições parciais, que ultimamente se tem realisado.

Ora é esta a situação geral que herda o novo gabinete reconstituído pelo sr. Asquith, creando-lhe a primeira das difficuldades com que tem a lutar. Demais nas duas grandes questões em que naufragou a energia de Sir Henry, não é provavel que o sr. Asquith consiga resultados que satisfaçam a opinião liberal do paiz. A respeito do *bill* da instrucção a sahida do antigo ministro, que estava compromettido na lei apresentada, e a nomeação do ministro de uma pasta differente sem compromissos directos no assumpto revela o desejo do novo «Premier» de encontrar terreno para uma transacção, que não póde deixar de discontentar profundamente todos os liberaes que sustentavam a antiga lei. A respeito da reforma da camara dos lords ainda a situação do novo gabinete nos parece mais melindrosa, sobretudo depois da nomeação de um dos ministros de mais prestigio — o sr. John Morley — para membro d'aquella alta assembleia.

Não é crível que o governo vá nomear um dos seus membros mais respeitados para uma camara contra a qual tenciona investir. Por-

do que provavel que não tardem a accentuar a sua hostilidade contra o novo *leader*. Já se viu como ainda não ha muito elles sustentaram uma rude campanha contra Sir Edward Grey, o ministro dos negocios estrangeiros. Ora sabendo-se que o sr. Asquith está muito mais intimamente ligado com este secretario de estado do que o anterior chefe do governo, que por vezes lhe impunha o seu proprio modo de ver, não é difficil prevér qual será de hoje em diante a attitudé dos radicaes contra os dois. D'este modo tudo leva a crer, que vamos assistir á desagregação da maioria, que apoiava sir Henry. Em condições normaes e se lhe faltasse o numero preciso de votos para governar, o ministerio tinha o recurso da dissolução, e em consulta ás urnas, aliás justificada pelo advento de uma nova administração, poderia buscar no paiz a força, que dentro do parlamento lhe faltava. Mas pelas indicações do barometro politico, que são as eleições parciais, é muito duvidoso que o governo pudessem sahir victoriosos de uma eleição agora feita, principalmente victoriosos da forma por que o foi Sir Henry logo em seguida á sua ascensão ao poder. Portanto a difficuldade para o sr. Asquith é dupla. No parlamento, segundo todas as probabilidades, maioria a desagregar-se; no paiz, do que pode deprehender-se por diversos symptomas, opinião pu-

## A estada em Lisboa do sr. Milliés Lacroix, ministro das colonias de França



(Cliché de Benoit).

### Na legação franceza

Conselheiro August de Castilho, conselheiro Ferreira do Amaral, Saint René Taillandier, ministro da França, Milliés Lacroix e conselheiro Wenceslau de Lima

tanto segundo motivo de descontentamento para os eleitores liberaes, que deve logicamente traduzir-se em futuras derrotas para os candidatos ministeriaes, e porventura no reviramento completo da opinião do paiz.

Mas estas difficuldades, por assim dizer externas, são nada comparadas com as que podem levantar-se contra o governo dentro do proprio parlamento. É sabido como era constituída a maioria que apoiava o ministerio de Sir Henry Campbell-Bannerman. Faziam parte d'ella não só os velhos liberaes propriamente ditos — os *whigs* — mas os radicaes da extrema esquerda, e os membros do *Labour Party*, sem contar para certas questões com os nacionalistas irlandezes capitaneados pelo sr. Redmond. Ora é sabido que estes ultimos detestam o sr. Asquith, preferindo-lhe o sr. Balfour, chefe dos conservadores. Quanto ao *Labour Party*, que já em tempo do anterior ministerio tinha accentuado a sua evolução independente e por vezes hostil ao governo do sr. Campbell-Bannerman, ha de continuar naturalmente, agora com mais motivo, essa evolução, e portanto é um grupo importante pelo numero e pela qualidade que se destaca da maioria. O mesmo se pode dizer dos liberaes da extrema esquerda, dos chamados radicaes. O que os prendia á maioria era a personalidade de Sir Henry, que podia ser considerado um radical tambem. Substituído elle na chefatura pelo sr. Asquith, um liberal imperialista, pouco mais ou menos do maliz de Lord Rosebery, é mais

blica a abandonar os liberaes. N'estas condições tudo indica que a vida do presente ministerio não será longa, e que para outro ensejo mais favoravel tem o sr. Asquith de reservar as suas incontestaveis faculdades de estadista.

Quando iamos n'esta altura da presenta chronica trouxe-nos o telegrapho a noticia da morte, de resto esperada a todo o momento, de Sir Henry Campbell-Bannerman. Não serão, pois, descabidas em seguida ao que acima escrevemos algumas palavras a respeito da personalidade politica do illustre extincto.

Sir Henry Campbell-Bannerman, não obstante apreciaveis qualidades de caracter e de espirito, está longe de poder emparceirar-se com os vultos eminentes, que constituem a galeria dos primeiros ministros de Inglaterra n'este seculo. Não era um orador como Pitt, não era um estadista como Lord Palmerston, não era um economista como Cobden, não era um parlamentar como Gladstone, não era um politico astuto como Disraeli, não era um diplomata como Lord Salisbury, não era um pensador e um erudito como Balfour. Sob qualquer d'estes pontos de vista a sua inferioridade era manifesta. Compensava, porém, a falta das brillhantes faculdade que não possuía, por uma grande rectidão de caracter, por uma nunca desmentida lealdade e por uma bonhomia que lhe ganhava numerosas sympathias mesmo entre os seus mais decididos adversarios politicos. E foi este dom de attracção que lhe permittiu conservar unido o par-

tido liberal, onde tão variadas tendencias se encontram, desde o imperialismo quasi unionista de Lord Rosebery até ao radicalismo da extrema esquerda, quasi a confundir-se com o *Labour Party*.

Foi sobretudo durante a guerra sul-africana, que o partido liberal atravessou a crise mais melindrosa, chegando por vezes a reaccar-se a sua completa dissolução. Se não fosse a persistencia de sir Henry, se não fosse a imperturbabilidade com que elle se manteve dentro do seu antigo programma, nunca se teria produzido no paiz a reacção, que levou ao poder o partido liberal em condições tão excepcionalmente favoraveis. Chamavam-lhe o «Little Englander», o «pequeno inglez» por opposição aos imperialistas. E era-o com effeito, ficando até á sua derradeira hora fiel a este credo. No seu proprio partido e até entre os seus collegas não deixa sob este ponto de vista successor, porque o sr. Asquith é um imperialista. Tambem lhe criticavam a feição idealista da sua politica e sobretudo a levianidade com que muitas vezes encetava uma campanha sem saber se lhe seria possivel leval-a a cabo. Aconteceu isto entre outras com a questão da reforma da camara dos pares, que está virtualmente abandonada pelo sr. Asquith e que elle proprio já tinha abandonado.

Tal é em brevissimas palavras a physionomia do estadista, que acaba de descer á sepultura, deixando um nome por todos respeitado.

CONSIGLIERI PEDROSO.

Direitos — o que toda a gente quer para si.  
Deveres — o que cada um deseja impor aos outros.

Um pae entra em casa carregado de trombetas e tambores e, entregando-os aos filhos, diz-lhes:

— Aqui teem. Divirtam-se muito, mas... nada de fazer barulho.

Os imbecis e os maus odeiam os homens d'espirito. Os maus dizem que os homens d'espirito são uns imbecis, e os imbecis dizem que os homens d'espirito são maus.



A sr.<sup>a</sup> D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso

(Cliché de Vidal & Fouseen — Lisboa).

## Visita do sr. ministro da marinha ao quartel dos marinheiros



Um aspecto



Outro aspecto

(Clichés de A. C. Lima).

## Transfiguração

À Ex.<sup>ma</sup> SENHORA D. ELISA BAPTISTA DE SOUSA PEDROSO

Pálida homenagem da minha admiração sincera  
e do meu altíssimo aprêço pelo seu culto espirito e pelos scintillantes  
e delicados primores do seu talento artistico.

Quando ella vibra o seu teclado, calo-me,  
Numa concentração de intimo goso...  
E, pouco a pouco, em fundo extase, alo-me  
Da Terra, como em sonho harmonioso...

Vou subindo, subindo... Absorto, embalo-me,  
De extranho mar no collo rumoroso,  
E, no meu barco auri-fulgente, abalo-me  
Lá para onde o pranto é voluptuoso...

E, ao fitá-la de novo, quando acorde,  
Quando se extingue o derradeiro acorde  
E no meu ser humilde me reponho,

Cégo ainda do meu deslumbramento,  
Hesito se é mulher que eu olho attento,  
Se é incoercível sombra... do meu sonho!

M. Duarte d'Almeida

## Congresso de instrução primaria



A abertura do congresso

O sr. Consiglieri Pedroso secretariado pelos srs. Borges Grainha e dr. Lima Bastos

## A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

XLIII

Engulido o ultimo bom bocado da festa da Paschoa, desatou toda a gente a parolar. — O congresso do lieve pensamento, o congresso da instrução e o congresso republicano. — A exposição canina. — A obra demolidora dos laicos. Dizem e desdizem. Considerações de um espirito fraco sobre as intenções dos espiritos fortes. — O recente livro do poeta Fausto Guedes Teixeira.

Terminadas as festas da Paschoa, comida a ultima fatia sangrenta de roast-beef após os quatro dias de jejum da Semana Santa, trinchadas as ultimas amendoas, arrumados os fatos pretos, entramos pela vida pratica de uma maneira allucinadora!

Oh Deus de misericordia, muito se tem trabalhado n'estes oito dias mais chegados áquelle em que a Igreja celebra o mysterio da Paixão do Vosso Divino Filho! Que febre de actividade, Senhor! Dir-se-ia que o genio reformador de Christo se transmittira, emfim, ao homem por quem o doce Jesus se sacrificou, na pessoa do portuguez.

Na verdade, logo após a Paschoa deu-nos a tineta... para os congressos. Foi o congresso dos livres pensadores, foi o congresso de instrução primaria, foi o congresso republicano. E, salvo o devido



Congresso de instrução primaria

Grupo de congressistas na sala «Portugal» da Sociedade de Geographia, depois da sessão inaugural do congresso

(Clichs de A. C. Lima).

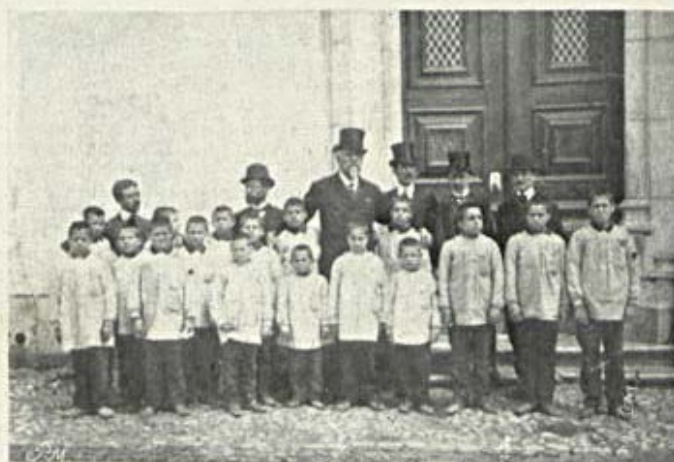
respeito, foi, tambem, um congresso de cães, alli na rua da Palma no terreno do extinto e saudoso Paraíso de Lisboa.

E manda a verdade dizer, que não foram estes os que menos se fizeram ouvir... O desgraçado que, como eu, mora proximo dos jardins Folgosa leve que os aturar, não direi com cara alegre, mas calado — para não augmentar o chinfrin com a propria lamuria. Um inferno!

Muito se falou n'estes ultimos dias! E' de crêr que, por isso mesmo, muito se tenha acertado. Antigamente succedia o contrario; quem muito falava, pouco acertava. Mas isso era no tempo dos Allonsinhos; gente inculta, com preocupações religiosas, escrúpulos ridiculos. Agora, não! O espirito moderno transformou as creaturas, que já se não denominam de Deus, que passou de moda — mas laicas.

De facto, muita gente, n'este momento, nos appareceu laica. Em todos os congressos — com exclusão humilhante do canino — appareceram laicos pugnando bizarramente pelo laicismo (é assim que se diz?) em tudo, a começar no ensino. A mania da secularisação propaga-se. Espiritos fortes, bem vasculhados da teia de aranha do preconceito religioso, proclamaram alto e bom som, no congresso de instrução que o ensino religioso é um elemento atrophizador da creança e que isto se conclue da psychophysiologia da infancia. Nem mais, nem menos. O ensino do Cathecismo na escola primaria bestifica os pequenos.

Ruidosos applausos acolheram, segundo leio, estas palavras do illustre orador que pelo nome não perde. Mas ainda ellas echoavam, outro orador não menos fogoso e laico fez uso da palavra, declarando abundar nas ideias do preopinante. E logo a seguir, derivando para



Congresso de instrução primaria

Visita á escola dos surdos mudos. — Os alumnos acompanhados pelo proreitor e professores

outro assumpto, pediu que na acta se não escrevessem palavras deprimentes para o bom nome da nacionalidade portugueza, isto a proposito de se haver dito no congresso que ha falta de caracteres. O caso é assim referido por um jornal: «O orador, n'um repto de eloquencia, faz a apologia do caracter portuguez, da grandeza de alma, e da abnegação do nosso professor, da valentia e do patriotismo do nosso soldado, do valor mental dos nossos estudantes nas escolas e universidades estrangeiras e diz como lá fora somos apreciados.»

Ora vejam lá! E dizer-nos que toda esta gente, professores bondosos e cheios de abnegação, soldados valerosos e estudantes de cursos superiores evidenciando poderosa mentalidade — sabem o Padre Nosso ou, pelo menos, o aprenderam em pequeninos, no banco das escolas sob a vigilancia dos mestres ou o balbuciam acompanhando o recitativo de uma piedosa mãe ou velha avózinha! Parece inivel que, dado tão horrivel precedente, os professores sejam bons, os soldados valentes e sobretudo os estudantes accussem uma poderosa mentalidade! Ora agora imaginem o que seriam todos elles se em vez de resarem o Padre Nosso, ao acordar e ao adormecer mandassem o proximo para o grande diabo! Seriam authenticos semideuses... laicos!

Valha-nos Nossa Senhora d'Agrella!

Confesso, com a franqueza que é o mais fundo traço do meu rude caracter, que sou profundamente religioso. Profundamente, disse e repito: mas não quer isto dizer que eu seja um intolerante. Eu parto sempre do principio que as opiniões dos outros são respeitaveis como as minhas. Esta explicação é necessaria a fim de que ninguém supponha que eu estou aqui, por espirito sectarista, a defender a Religião dos ataques do livre pensamento. Não. Esses ataques não me indignam nem irritam — mas entristecem-me.

Quanto mais avança n'esta dolorosa peregrinação da vida mais se arraiga no meu espirito a ideia de Deus, não sob um ponto de vista philosophico — a philosophia



Congresso de instrução primaria

Visita á Casa Pia. — Grupo tirado nos claustros

não é para os crentes — mas como o *sentem* os que soffrem: refugio e amparo dos que saem mal feridos nas cruelissimas batalhas da vida. Isto é naturalissimo reflexo da educação que me deram — e bendigo a memoria dos que m'a deram. Pela vida fóra destrambelhei; não fui livre pensador ou atheu, mas fui talvez peor porque fui indifferente. Depois vieram a uma e uma, gradualmente, com um infernal supplicio, todas as dolorosas contingencias da vida; e com ellas foi acordando em minha alma o sentimento de Deus; e com ellas reverdeceu no meu coração a candida flor da crença.

Na ideia de Deus tenho encontrado o auxilio preciso para não succumbir a embates tremendos da adversidade e só Elle sabe quantos e quão dolorosos elles teem sido. N'essa crença salutar se retempera o meu espirito nas torvas horas de amargura, librando-se muito acima das ruins paixões, mormente do odio. Oh o odio! que monstro elle me teria feito se a religião, a unica medicina das almas, não me medicasse energicamente com sentimentos de perdão e humildade!

Ora, sendo todo o homem, meu irmão, creatura fraca e pusilanime como eu, entendo que o espirito de quem quer que seja carece de amparo senão em todas pelo menos em algumas, as peores, horas da vida. O espirito de quem quer que seja, porque eu não creio nos espiritos fortes. Os que assim se denominam, dão-me, sempre, a impressão de serem os mais fracos. E esta rude batalha dos laicos pela secularisação do ensino mascarada em inspiração de espirito liberal mas no fundo representando uma feroz intolerancia, virá talvez em reforço d'esta minha opinião, porque, partindo dos taes espiritos denominados fortes, naufragará contra um escolho que a acção do tempo não tem consumido e que é, afinal, a crença, inexpugnável baluarte dos espiritos fracos ..

Não vão agora julgar que eu fui ao congresso dos livres pensadores. Não. O que ali fica é resultado da leitura dos jornaes. Fui á exposição canina e gostei. Gostei tanto que, ao afagar a linda cabeça de um meigo *S. Bernardo*, perguntei aos meus botões porque não teria Nosso Senhor feito em vez de Adão um bicho amavel como aquelle.

..

O meu velho amigo e grande poeta Fausto Guedes Teixeira teve a amabilidade de me trazer o seu ultimo trabalho, *O meu livro*, um

esplendido volume em que compilou os melhores trechos da sua já vasta e soberba obra.

N'esse admiravel volume apparecem-nos poesias do *Livro d'Amor*, da *Mocidade Perdida*, da *Esperança Nossa*, aquellas em que Guedes Teixeira mostrou que haverá alguem que o exceda em technica mas que ninguem, da gente do seu tempo, foi alem em sentimento.

Eu já disse, ha bons doze annos, em folhetins do *Jornal do Commercio*, o que penso da obra verdadeiramente grande d'este poeta inconfundivel. Não tenho a cortar uma palavra ao que então escrevi, nem a acrescentar.

Não se trata de um artista, limando e polindo versos, conforme as immutaveis e pedantes regras da veneranda Poetica, e portanto susceptivel de aperfeicoamento. Na acepção da mesquinha palavra, Guedes Teixeira é um poeta porque metrificou. O que elle é, de facto, é um pensador e um sentimental.

Não insisto em fazer o elogio do livro. O poeta, meu velho e muito querido amigo, nunca me perdoaria isso. Mas não quero deixar de cumprir o simples dever de probidade de recommendar a quem me lê a leitura d'esse volume.

O meu querido Fausto Guedes! Esse grande, generoso, nobre espirito! Que alegria tive ao vel-o, ha dias, quando elle quiz ter a generosa amabilidade de me trazer o seu livro! Em que atrapalhação elle se viu para me abraçar, uma das mãos segurando volumes, a outra um guarda-chuva. E em que confusão eu me vi para o abraçar — de desacostumado que ando de abraçar alguem...

CAMARA LIMA.

## CASTA...

Para Henrique Lopes de Mendonça

Quando a vejo passar, como o luar serena,  
Luzindo-lhe o pudor no meigo olhar escuro,  
Tenho, a visão gracil, ou pallida assucena,  
Brotando altiva e sã das pedras d'um monturo.

O oiro do cabello enrosca-se vaidoso,  
Beijando-lhe, egoista, a nuca de setim...  
Das faces o palor dá-lhe ao perfil gracioso  
Um mysticismo ideal de virgem de marfim...

E vae seguindo além, sem sombra de amargura,  
Roçando a podridão e o vicio a cada esquina!  
E nada vae manchar-lhe a virginal candura  
Do riso que lhe encrespara a bocca purpurina!

Por isso, ao vel-a ir, como o luar serena,  
Luzindo-lhe o pudor no meigo olhar escuro,  
Tenho a visão gracil da pallida assucena,  
Brotando altiva e sã das pedras d'um monturo.

Musa hysterica.

Mercedes Blasco.

## Exposição canina

Perdigueiro com filhos  
(Clichés de A. C. Lima).

Podenga com filhos



Cão de S. Bernardo

## Ressurrexit!

Quem me dera ressuscitar!  
Como deve ser bom!  
Que impressões!  
Que mundo de ideias novas!  
Vir de lá! d'onde tão poucos teem vindo...!

Quizera poder ressuscitar d'aqui a annos, quando a humanidade, apoz a crise de males por que vae passando, quando os povos, fartos de experimentar todos os processos sociologicos humanos, se acolherem, se apegarem, d'alma e coração, ao unico que pôde e ha-de dar-lhes a possivel felicidade no tempo e na eternidade! Quem me

Quem me dera ressuscitar d'aqui a annos, quando o mundo, farto de selvagices á conta de civismos, e de guerras e hecatombes humanas á conta de glorias, e de egoismos á conta de civilisações, fôr o fiel e felicissimo cumpridor d'aquelle — *amae a Deus sobre todas as coisas, e ao proximo como a vos mesmos!*

Quem me dera ressuscitar quando do tumulto do = *homo, hominis lupus* resurgir o = *homo, hominis frater* = !

Quem me dera ressuscitar então!

Porque eu tenho vivissima fé n'aquelle que — *ipse dixit et facta sunt, ipse mandavit et creata sunt*!

Porque eu creio firmemente que ha de ressuscitar essa crucificada pelo egoismo chamada a Confraternidade, essa morta pelo direito da força chamada a Força do Direito, essa victima da soberba e da vaidade chamada o Bem Humano.

O' trez vezes santa Egualdade, Fraternidade e Liberdade! O egoismo e a soberba crucificaram-te, mataram-te, sepultaram-te!

## ASSUMPTOS RELIGIOSOS



A Santa Familia

(Quadro de Carracci, existente no museu de Dresde)

dera ressuscitar, quando, apoz as evoluções e revoluções de até então, se der a segunda Renascença! Porque essa segunda Renascença ha-de vir, como a primeira, apoz as evoluções e convulsões da mediavilidade. Ha de forçosamente vir, como uma resurreição consequente do *ressurrexit* de Jesus.

Por mais que me digam todos os grandes pensadores antichristãos, todos os evolucionistas, todos os revolucionarios, o unico modo do bem social é o de Jesus; é o d'aquelle cujo *ressurrexit* echoou pelo mundo inteiro como um cantico de verdadeira vida nova, como um *fiat* do Eterno a desentranhar em mundos a materia cahótica.

Esse *ressurrexit* foi o cantico da victoria do opprimido: e o opprimido era a humanidade inteira! Foi pois o hymno da triumphalidade humana!

Mas has-de ressuscitar: has-de ter o teu *ressurrexit* como o Mestre como o que te divinizou, como Jesus!

E então o mundo, a humanidade, mortos pelo cansasso de tanta lucta; e pelos despeitos de tantas desillusões; e pelas durezas de tantos egoismos; n'um impulso de vitalidade nova, n'um immenso e unido esforço de libertação verdadeira, ressuscitarão contigo.

Ressuscitar como Jesus:

Ressuscitar com Jesus:

Ressuscitar ao som da glorial hymnologia do amor, e á luz da aurora paschal da verdadeira Liberdade, Egualdade e Fraternidade!

Quem me dera ressuscitar para ver este santissimo effeito do teu *ressurrexit*, ó Christo!

Fr. Antonio.



Conde de Selir

*Ministro interino de Portugal no Brasil*

## Dedicatoria

A' mais gentil e linda portugueza  
Que alma de poeta portuguez amou,  
Toda cheia de graça e de pureza,  
Como a qu'z Deus e a alma m'a sonhou;

A' que, justificando o meu anseio,  
Foi tudo o que encontrei grande e bemdito,  
E não é a mãe porque o Messias veio  
E, o livro d'esta patria está escripto:

Ao seu bom coração, que em si encerra  
O balsamo melhor p'ra a maior pena,  
E ás rosas que ella tem da nossa terra  
Nas suas lindas faces de morena;

Aos seus enormes olhos portuguezes,  
Négres, com grandes astros na retina,  
Formosos e tristissimos ás vezes  
Como os olhos da linda Catharina,

A' divina mulher por quem senti  
Capaz meu coração d'um sonho eterno;  
A'quella por que um dia eu renasci,  
Ao encontral-a á volta do Inferno;

Aos seus bandós, como duas azas bellas  
Dando-me o vôo do meu pensamento,  
Que a levam para o ceu cheio de estrellas  
E a mim p'ra além do proprio firmamento;

A' voz celeste que commigo canta  
E enche de sonhos bons minha vigilia,  
Com seus dedos lindissimos de santa  
Na harpa que tocou santa Cecilia;

Ao que eu tenho de bom e é apenas ella;  
Ao que em mim ha de grande, e é ella ainda;  
A' que me torna a existencia bella  
E me faz crer n'uma outra inda mais linda;

A' que me ajuda á minha cruz e ha de  
Ver-me morrer a mãos desapiedadas,  
E na noite da sua soledade  
Encontrará no peito as sete espadas;

A' que eu vejo passar tambem na treva,  
Cheias de esmolos suas mãos formosas,  
E que, ao perguntar-lhe o que allí leva,  
Me estende as lindas mãos cheias de rosas;

A'quella por quem não parti um dia  
P'ra a Grecia mas que, a nossa patria em p'rigo,  
Me instigaria á guerra e morreria,  
Se esta patria morresse hoje commigo.

Ao meu anjo da guarda que me embala  
Entre os seus braços como no meu berço  
Tão pura como o ceu de que ella falla,  
Tão docil como um vime ou como um verso;

Ao nosso amor que Deus um dia ha de  
Encher da doce benção que mereça,  
Amor eterno mas com a saudade  
Do amor que finda e a fé do que começa;

Eu dedico este livro de paixão  
Paginas tristes, uma ou outra bella —  
Em que palpita o pobre coração  
Que tinha um dia de bater por ella.

E no mais doce e espiritual desejo,  
Minha lyra partida, a voz já rouca,  
Aqui encontrará talvez o beijo  
Que procurou em vão na minha bocca.

*D' O meu livro,**Fausto Guedes Teixeira.*

## EXPEDICIONARIOS Á GUINÉ



*Grupo de soldados*  
(Clichés de A. C. Lima).



*Grupo de officiaes*

# Monte Branco

*Versos escriptos no valle de Chamounix*

I

O eterno universo das Cousas corre atravez do Espirito, e rola as suas rapidas vagas, ora escuras — ora scintillantes — ora reflectindo a sombra — ora reenviando o esplendor, — lá onde dos secretos reservatorios a fonte do pensamento humano traz o tributo das suas aguas, — com um ruido que é apenas metade do

seu proprio, — semelhante ao que um fraco regato tenta fazer ouvir nos bosques selvagens, em meio das montanhas solitarias, onde as quedas d'agua em seu deredor ressaltam eternamente, — onde as florestas e os ventos se debatem em guerra, e onde, sem repouso nas suas rochas, um largo rio estrondeia e delira.

II

Assim te succede, ravina do Arve — negra, profunda ravina — a ti, valle de mil vozes, dos mil matizes! Sobre os teus pinheiros, os teus rochedos e as tuas cavernas, vogam as rapidas sombras das nuvens e os raios do sol; scena formidavel, onde a Força da Natureza, sob a fórma do Arve, desce dos abysmos do gelo que cingem o seu throno secreto, rompendo atravez d'estas escuras montanhas como o clarão do relampago atravez da tempestade!

Assim te dilatas, com a tua gigante progenitura de pinheiros, que se te agarram em volta, filhos de uma idade mais distante,

## Exposição annual da Sociedade de Bellas Artes do Porto



A direcção da Sociedade de Bellas Artes do Porto

No 1.º plano: — Jorge da Cunha, Antonio Teixeira Lopes e Pedro da Costa

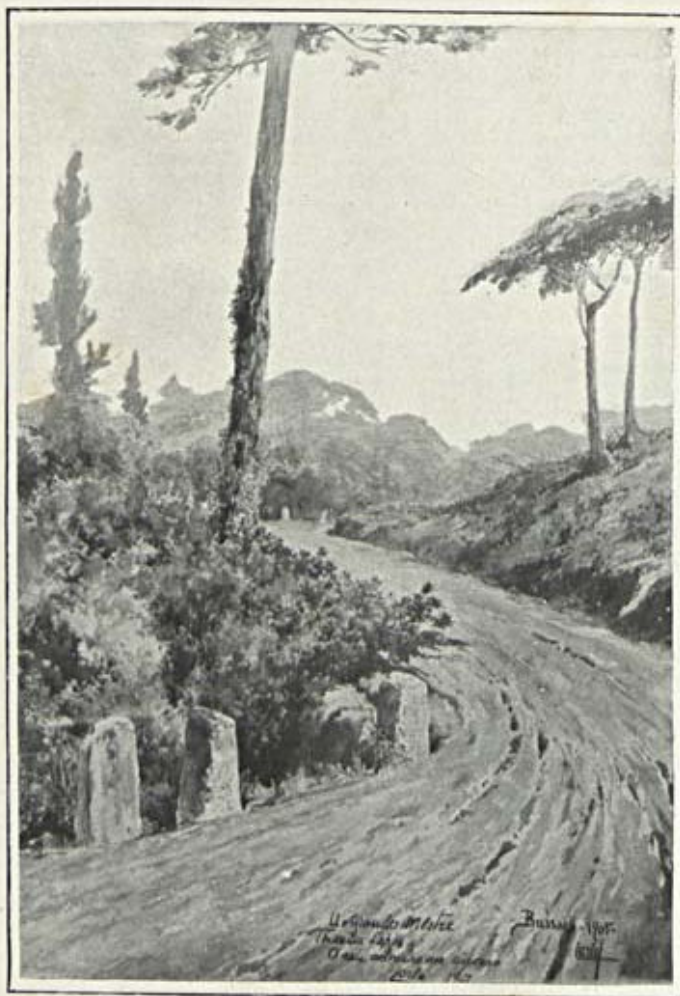
No 2.º plano: — José Teixeira Lopes, Antonio Candido da Cunha, dr. Manuel Monterroso, Diogo José de Macedo e José de Brito



Exposição annual da Sociedade de Bellas Artes do Porto. — Um aspecto da exposição

por amor dos quaes os ventos desencadeados veem sempre, e sempre vieram, beber-lhes os perfumes e ouvir-lhes o balouçar potente,— velha e solemne harmonia!...

Tous arcos-iris terrestres, lançados atravez da espuma da cascata aérea, cujo véo reveste qualquer imagem não esculpida... O



Exposição annual da Sociedade de Bellas Artes do Porto  
Bussaco

(Aquarella de El-Rei D. Carlos.)

somno extranho que, á hora em que cahem as vozes d'esse deserto, envolve tudo na sua eternidade profunda. As tuas cavernas reenviando á commoção do Arve o echo de um estrondo retumbante e solitario, que nenhum outro poderia vencer!... Estás penetrada d'aquelle movimento que jámais cessa, és o caminho do ruido sem descanso, vertiginosa ravina!

E quando te contemplo, parece-me, como n'um extase extranho e sublime, que estou devaneando sobre uma criação pessoal da minha propria phantasia, do meu proprio Espirito, do meu Espirito humano, o qual passivamente recebe e restitue influencias rapidas, mantendo uma troca incessante com o luminoso universo das Cousas que me rodeiam; uma legião de pensamentos phantasticos, cujas azas errantes ora fluctuam a-ima das tuas trevas, ora se deteem lá onde este universo e tu são hospedes aguardados, na caverna silenciosa da magica Poesia,— procurando, entre as sombras que passam,— fantasmas de todas as cousas que são,— alguma sombra, algum fantasma, alguma fraca imagem de ti mesma. E, até que o seio d'onde esses fantasmas fugiram os torne a chamar a si, ahí estás!

### III

Dizem alguns que os clarões de um mundo remoto visitam a alma durante o somno,— que a morte é uma adormecimento, e que as suas fórmas excedem em numero os pensamentos activos dos que velam e vivem. Eu olho para cima: desdobrou acaso alguma omnipotencia desconhecida o véo da vida e da morte? Ou estou abysmado n'um sonho, e o mundo mais poderoso do somno estende ao longe, em torno de mim, os seus circulos inacessiveis? O proprio espirito succumbe, arrastado de escarpa em escarpa como uma nuvem vagabunda, que se esvae no meio das invisiveis brisas! — Longe, bem longe, acima, perfurando o céu infinito, o Monte Branco apparece!... nevoso, sereno, tranquillo!

Em redor d'elle, as montanhas inferiores encastellam os seus vultos que não são da terra; géllo e rocha, largos valles atravessados por correntes geladas, profundidades insondaveis, azues como o céu suspenso sobre ellas, que se desdobram e serpenteiam atra-

vez de um chaos de precipicios accumulados; um deserto povoado pelos vendavaes só, excepto quando a aguia arrebatada algum osso de caçador, e quando o lobo lhe segue a pista. Horriavel accumulção de fórmas amontoadas, rudes, escarpadas, nuas, golpeadas e esfarrapadas como espectros!...

Será essa, por ventura, a scena onde o antigo Demonio dos terremotos dava lições á sua joven progenitura, á Ruína? Eram esses os seus folguedos? Ou então um mar de fogo envolveu outr'ora essa neve silenciosa?... Ninguém póde responder! — Tudo parece eterno hoje!

O deserto tem uma lingua de mysterio, que ensina uma duvida terrivel, ou uma fé tão doce, tão solemne, tão serena, que por amor de tal fé, pode o homem reconciliar-se com a natureza!...

Tens uma voz, ó Montanha immensa, capaz de revogar os largos codigos da fraude e da dór; voz que nem todos comprehendem,



Exposição annual da Sociedade de Bellas Artes do Porto  
A procissão dos milagres

(Quadro de José de Brito).

mas que os sabios, os grandes e os bons interpretam, fazem sentir, ou sentem profundamente.

### IV

Os campos, os lagos, as florestas, as correntes, o Oceano, e todas as cousas vivas que habitam no dédalo da terra, relampago e



Exposição annual da Sociedade de Bellas Artes do Porto  
Jesus curando um doente

(Quadro de Alberto Ayres de Gouveia).

chuva, tremor do solo, torrente de fogo e furacão, o torpôr do anno quando sonhos fracos visitam os bolbos occultos, ou quando um dormir sem sonho se apodera de cada folha e de cada flor por desabrochar, o impeto com que irrompem d'essa lethargia detestada, as obras e os caminhos do homem, a sua morte e o seu nascimento, tudo o que é ou pôde ser partilha sua, tudo o que se move e respira, — tudo com pena e ruido nasce e morre, e se desenvolve, e cae e renasce.

Só, afastado na sua tranquillidade, reside o Poder da Natureza, distante, sereno e inacessivel; e este mesmo espectáculo que con-



Exposição annual da Sociedade de Belas Artes do Porto

*Baixo relevo*

(Gesso de Antonio Alves de Sousa, discípulo de Teixeira Lopes).

templo, a terra despida, estas primitivas montanhas o revelam ao espirito attento.

As geleiras rastejam como serpentes que espiam a sua preza, rolando lentamente das suas nascentes longinquas; alli, a neve e o sol, com desprezo do mortal poder, amontoaram mil precipícios, zimbórios, pyramides e pináculos, uma cidade de morte, com as suas torres innumeradas e as suas muralhas inexpugnaveis de gelo irradiante.

Que digo eu? Uma cidade! Um trasbordar de ruínas, que rola dos limites dos céos a sua torrente eterna! Vastos pinheiros juncam a sua estrada marcada pelo destino, ou, sobre o sólo rasgado, se conservam de pé, descarnados e partidos; os rochedos, arrastados do mais distante deserto, derrubaram os limites do mundo morto e do mundo vivo, para sempre apagados.

Torna-se presa sua a morada dos insectos, dos animaes da terra e das aves do ar; os seus pastos e os seus reiros desapareceram para sempre; tanta vida, tanta alegria, perdeu-se, não renascerá jámais!

Foge para bem longe a raça humana, tomada de terror; as suas obras e as suas habitações esvaem se, como fumo, perante a corrente da tempestade, e o logar onde foram não é mais conhecido!

Abaixo, vastas cavernas chammejam no clarão incessante das torrentes arrebatadas, as quaes, brotando em tumulto d'esses secretos abysmos, se encontram no valle; e um rio magestoso, o sangue e a vida de terras afastadas, arrasta para sempre as suas aguas estrepitosas até ás vagas do Oceano, exhalando os seus vapores fugitivos no ar que o rodeia.

V

E sempre lá em cima o monte Branco scintilla! E' alli que reside o poder, o poder silencioso e solemne de innumerados aspectos, e de innumerados ruidos, de mil fórmulas de vida ou de morte.

Na calma obscuridade das noites sem lua, no esplendor solitario do dia, descem as neves sobre essa montanha; ninguém as vê alli, nem quando os seus flocos se incendeiam aos clarões do sol poente, nem quando as estrellas dardejão sobre elles os seus raios. Alli os ventos combatem se silenciosamente, e alli amontoam a neve, com o seu sopro poderoso e rapido, porém silencioso.

O relampago sem voz habita innocentemente aquellas solidões, e uma especie de vapor dormita sobre a neve. A Força secreta das Cousas, que governa o pensamento, e serve de lei á cupula infinita do céo, em ti demora! E o que serias tu, e o que seria a terra, as estrellas e o mar, se para a imaginação do Espirito humano fossem apenas um vácuo o silencio e a solidão?

SHELLEY.

## SONETO

Caminho vae da serra o pequenino,  
Levando n'alma o céo d'uma alvorada,  
Em quanto muito alegre, na latada,  
A' fresca aurora um melro canta um hymno.

Vae luz buscando a luz — eis seu destino! —  
E tão contente, rindo pela estrada,  
Que o melro cala subito a balada  
Só por lhe ouvir o canto crystallino.

Depois, quando o pequeno se avizinha,  
Aos gritos foge e todo se espantou  
Pelo ether faiscante onde caminha.

Olhem o outro, espantado, como adeja!  
Tambem d'azas precisa a creancinha,  
E quem dar-lh'as souber bemdito seja!

D. João da Camara.

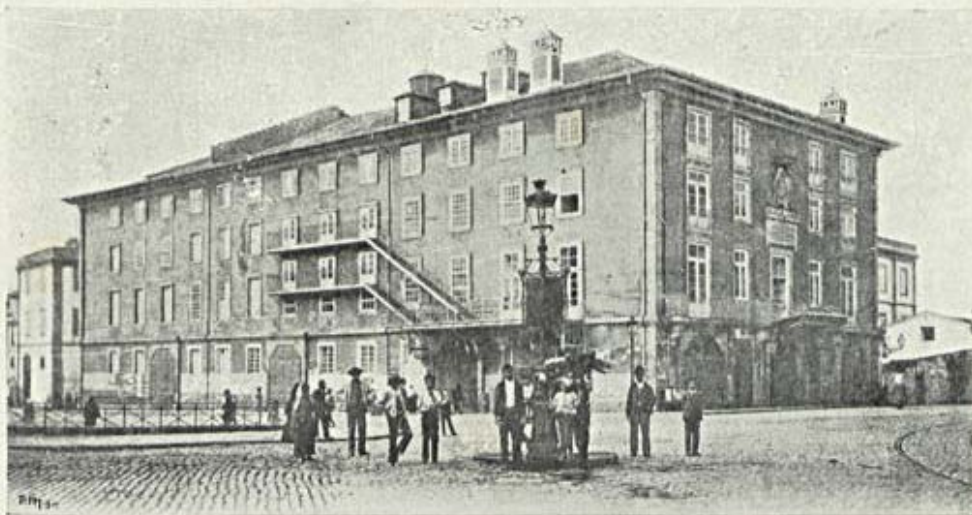
## O incendio do theatro de S. João

Na madrugada de 12 do mez findo um violento incendio destruiu o theatro de S. João, por tantos titulos notavel e por todos os motivos querido dos portuenses.

O theatro de S. João foi mandado construir por Francisco d'Almada e Mendonça, o notavel corregedor do Porto, que pelas suas iniciativas foi cognominado de «Marquez de Pombal do Norte».

A sua edificação começou em 19 de abril de 1796 e a sua inauguração realisou-se a 13 de maio de 1798.

A construção foi dirigida pelo architecto italiano Manzoneschi. Mais tarde foi reformado, sendo encarregado d'esse trabalho o pintor italiano Pizzi. Depois do incendio do theatro Baquet, em 21 de março de 1888, soffreu uma grande transformação, sendo a obra dirigida pelo distincto engenheiro sr. conselheiro Araujo e Silva.



Porto. — O theatro de S. João

# O incêndio do theatro de S. João, no Porto

*Na madrugada de 12 de abril de 1908*



1. Ilhargia do nascente. — 2. A multidão contida a distancia, encostada ao Correio Geral  
3. Bomba trabalhando no rescaldo, na frente do theatro. — 4. O pouco que se conseguiu salvar. — 5. Aspecto tirado do lado do sul. 6. Ilhargia do poente  
7. Vista tirada do palco. — 8. Corredor de sahida para carros  
(Clichés de Aurelio da Paz dos Reis — Porto).